

A urgência de ler Djamila Ribeiro

Djamila Ribeiro

Quem tem medo do feminismo negro?

São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Em “Sexismo e racismo na cultura brasileira”, texto apresentado em 1980 no âmbito do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil” e publicado quatro anos mais tarde, a intelectual e ativista Lélia Gonzalez afirma: “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (1984, 224). Ao investigar tal neurose cultural, a autora coloca a experiência da escravidão no cerne do debate, e argumenta com ênfase a persistência no Brasil dos paradigmas sobre os quais assentou a exploração escravista dos corpos. À luz dessas persistências, a autora interroga o papel da mulher negra e a ininterrupta reificação do seu corpo numa sociedade cujo imaginário coletivo continua a ser pensado a partir do mito da democracia racial.

A análise de Lélia Gonzalez sobre a condição das mulheres negras no Brasil, além de considerar a escravidão como momento fulcral para compreender relações raciais e de gênero, aponta para a necessidade de pensar tais questões numa perspectiva interseccional, que articule diferentes formas de subordinação, quais, entre outras, o racismo, o sexismo e o patriarcalismo. Gênero, raça e classe passariam então a ser indissociáveis, “a interseccionalidade trataria da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessas confluências constituiriam aspectos ativos do desempoderamento” (Piscitelli, 267).

A partir dessa perspectiva interseccional desdobram-se as reflexões de Djamila Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo negro?*, coletânea que reúne artigos escritos ao longo de dois anos, de 2014 a 2016, pela intelectual e ativista, então colunista da revista *Carta Capital*. O livro, publicado em 2018 pela Companhia das Letras, é composto por trinta e três artigos nos quais a autora enfrenta assuntos contingentes e questões do cotidiano a partir da perspectiva do feminismo negro, ou seja, de um feminismo que articule questões de gênero, raça e classe:

Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. (27)

Como no texto de Lélia Gonzalez aqui mencionado, a persistência na contemporaneidade brasileira das dinâmicas de reificação do corpo de mulheres negras, que reproduzem práticas que se impuseram durante a exploração escravista, está no centro do debate e é justamente a partir dessa perspectiva de continuidade que Djamila Ribeiro enfrenta as questões do cotidiano.

Quem tem medo do feminismo negro? abre-se com uma longa introdução-depoimento através da qual a autora relata a sua experiência pessoal no interior de uma sociedade racista e sexista, e a sua aproximação - primeiro enquanto leitora engajada, depois como acadêmica - aos textos de autoras negras de destaque no panorama cultural brasileiro. Nessa introdução, chamada “A máscara do silêncio”, a autora relata as tantas violências microfísicas que acompanharam o seu percurso enquanto mulher negra desde a infância, na escola, até à idade adulta, no mundo do trabalho. Às piadas racistas dos colegas, envolvendo a cor de pele e os cabelos, acrescenta-se o desconforto criado pela ausência, em sala de aula, de qualquer protagonismo negro na construção do Brasil, pois a visão dominante, moldada pelos padrões eurocêntricos, retirava do africano e do afrodescendente escravizados qualquer dignidade humana: não tinham um passado na África, não tinham tradições e culturas, não participaram da construção cultural de um país cujas coordenadas identitárias continuam a ser pensadas a partir da perspectiva do colonizador. Ao afirmar que “a vontade de ser aceite nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer” (14) Djamila Ribeiro de fato mostra o funcionamento da máquina do poder – e do racismo intrínseco nela – como sendo uma rede complexa que não se resume apenas à pura repressão, à atuação negativa, mas que se articula com toda uma série de instâncias “positivas”, que visam produzir discursos e afetos. Como afirma Michel Foucault em *Microfísica do poder*, “o poder [...] não pesa só como uma força que diz não, mas

que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (2018: 45).

Nesse sentido, conhecer outras perspectivas através das leituras de autoras negras representa um momento fulcral na formação da jovem ativista:

Enquanto cuidava do meu pai no hospital, que adoeceu logo depois da minha mãe, conheci a Casa de Cultura da Mulher Negra. Foi lá que tive a primeira oportunidade de um trabalho que valorizava minha formação, oferecida por mulheres negras feministas de fato. Redescobri minha força. Trabalhei quase quatro anos na biblioteca da Casa de Cultura, onde entrei em contato com bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Alice Walker, Toni Morrison. Fui aprendendo a falar por outras vozes, a me enxergar através de outras perspectivas. (Ribeiro, 2018, 17)

A partir dessas leituras, retomando uma discussão já presente no seu primeiro livro, *O que é lugar de fala?*, publicado em 2017 pelo Grupo Editorial Letramento, no âmbito da coleção *Feminismos Plurais*, Djamila Ribeiro volta a sublinhar a necessidade de pensar outras epistemologias para além do modelo único ocidental. Em *O que é lugar de fala?*, tendo como amparo teórico as reflexões de Lélia Gonzalez (1984), a autora traz como exemplo, entre outros, a subalternização sofridas pelos saberes provenientes de religiões de matriz africana, e a urgência de “desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis[gênero] e heteronormativa” (28).

Em *Quem tem medo do feminismo negro?*, por sua vez, Ribeiro retoma tal urgência de descolonizar o pensamento, ao mesmo tempo em que evidencia a relevância operacional do feminismo negro nesse processo:

foi o feminismo negro que me ensinou a reconhecer diferentes saberes, a refutar uma epistemologia mestre, que pretende dar conta de todas as outras. [...] Valorizar o saber das ialorixás e dos babalorixás, das parteiras, dos povos originários é reconhecer outras cosmogonias e geografias da razão. Devemos pensar uma reconfiguração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica. (22)

Os trinta e três artigos, todos breves e incisivos, abordam tais questões a partir de acontecimentos do cotidiano. Desta forma, ao discutir um certo tipo

de humor na mídia brasileira e em determinadas figuras políticas, ou as postagens nas redes sociais de certas celebridades, a autora aponta para o racismo intrínseco à sociedade brasileira, constituindo-se como uma voz dissidente perante dinâmicas que são, de fato, naturalizadas e cuja violência subjacente acaba sendo ignorada.

Ao lado dessas intervenções pontuais sobre assuntos do cotidiano, em *Quem tem medo do feminismo negro?* a autora aborda também temáticas de atualidade política, como o debate em torno das cotas raciais, no artigo “Ser contra as cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo” (72-76), ou como a discussão sobre o aborto e a chamada “cultura do estupro”, que ocupa os textos “Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?” (85-88), “E se tua mãe tivesse te abortado?” (95-98), “O que a miscigenação tem a ver com a cultura do estupro?” (116-119).

Um último grande núcleo de artigos solicita, por sua vez, uma reflexão acerca do próprio feminismo e da luta antirracista. São artigos nos quais a autora percorre de forma singela as etapas que marcaram a formação daquilo que Ribeiro chama de “feminismo acadêmico” e de “feminismo negro”, e em que se levantam questões sobre a própria luta contra o racismo. Dentro desse núcleo, destaca-se a entrevista com a teórica e artista portuguesa Grada Kilomba (108-113), no Brasil em 2016 a convite do Instituto Goethe, que tem como temática justamente a descolonização do pensamento.

Em conjunto, os textos publicados na coletânea não abordam os assuntos apresentados de forma acadêmica, deixando aparecer em alguns casos os limites de uma escrita pensada para ter uma ampla e imediata divulgação. No entanto, tais artigos respondem perfeitamente às exigências de uma comunicação direta, engajada, movida pela urgência de trazer para o cotidiano uma discussão que se impõe como necessária perante a atual conjuntura política no Brasil. Publicado em 2018, ano em que as eleições presidenciais determinaram relevantes retrocessos na área dos direitos humanos, ler Djamila Ribeiro torna-se uma tarefa fundamental pois o livro ajuda a detectar e a enfrentar as violências microfísicas e capilares que também participam daquilo que Abdias do Nascimento (2017) chamou de “genocídio do negro brasileiro”.

OBRAS CITADAS

Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Paz & Terra, 2018.

Gonzalez, Léila. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências sociais hoje*, 1984, pp. 223-244.

Nascimento, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Piscitelli, Adriana. "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". *Sociedade e cultura*, v.II, n.2, jul/dez 2008, pp. 263-274.

Ribeiro, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

Ribeiro, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LUCA FAZZINI é doutorando em Literatura Cultura e Contemporaneidade na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde desenvolve uma pesquisa sobre as persistências dos paradigmas coloniais e escravistas na contemporaneidade urbana, a partir de uma perspectiva literária e cinematográfica.